

# Fénelon entre Antigos e Modernos

Fénelon between Ancients and Moderns

Tarsilla Couto de Brito

Universidade Estadual de Campinas

**Resumo:** O fim do século XVII viu a França dividida entre nostálgicos da Antiguidade e entusiastas da era de Luís XIV. Questões de identidade nacional, de opinião pública e de progresso científico estavam implicadas na contenda. Fénelon, bispo de Cambrai, mantinha uma posição conciliatória. Por meio de uma leitura de suas *As aventuras de Telêmaco*, procedendo a um trabalho de crítica literária, pretendemos precisar o lugar do autor nesta Querela.

**Palavras-chave:** Fénelon. Telêmaco. Antigos e Modernos.

**Abstract:** The end of the seventeenth century saw France split between nostalgics of Antiquity and enthusiasts of the era of Louis XIV. Issues of national identity, public opinion and scientific progress were involved in the controversy. Fénelon, bishop of Cambrai, had a conciliatory position. Through a reading of *The Adventures of Telemachus*, by taking a work of literary criticism, we intend to clarify the place of the author in this Quarrel.

**Keywords:** Fénelon. Telemachus. Ancient and Modern.

François Salignac de La Mothe Fénelon já foi um autor muito conhecido pelos brasileiros. Os estudos da professora Dr<sup>a</sup>. Márcia Abreu (Unicamp) confirmam o sucesso editorial de Fénelon no Brasil: “[...] o livro mais remetido para o Rio de Janeiro, entre 1769 e 1826, considerando-se todos os pedidos submetidos aos vários organismos responsáveis pela censura à circulação de livros era um romance: *Aventuras de Telêmaco* [...]” (ABREU, M. et al. “Caminhos do romance no Brasil”)<sup>1</sup>.

O autor de um dos maiores *best-sellers* dos séculos XVIII e XIX<sup>2</sup>, entretanto, atualmente, não dispensa apresentação: Fénelon<sup>3</sup> vem de uma das famílias mais antigas da aristocracia francesa. Nasceu em 1651, teve uma formação rigorosamente humanista e ordenou-se padre em 1675. Poucos anos depois, foi nomeado superior das Nouvelles Catholiques – comunidade de jovens ex-protestantes idealizada por Madame de Maintenon (a segunda esposa do rei). Em 1682 já estava muito próximo do mais importante prelado do reino de Luís XIV, Bossuet. Na sequência, em 1689, Fénelon foi nomeado preceptor dos netos de Luís XIV. Sua rápida ascensão aconteceu, na opinião de Saint Simon, cronista da época, graças a um *je ne sais quoi* que misturava gravidade e sedução<sup>4</sup>.

Para cumprir sua missão de educar príncipes, escreveu fábulas, contos e outros textos literários dentre os quais se destacou nosso objeto de estudo, produzido ao longo do ano de 1694<sup>5</sup>. O texto permaneceu manuscrito e guardado à chave pelo Duque de Borgonha até 1698, quando algumas cópias começaram a circular. O primeiro tomo impresso apareceu em 1699, ano em que o livro recebeu o *privilège* de publicação graças ao título que o fazia passar como simples continuação da *Odisséia*

1 In: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/> Cf. também *Os caminhos dos livros* (Abreu, 2003).

2 Em um estudo referencial sobre o texto de Fénelon, Albert Chérel (1917) afirma que o *Telêmaco* foi o livro mais impresso, comentado, imitado e traduzido na Europa e fora dela durante o século XVIII. O sucesso editorial de *Telêmaco* perdura até a primeira metade do século XIX, quando passa a fazer parte dos programas escolares como texto insubstituível.

3 Há várias biografias sobre o autor. Estudos críticos importantes os como de Goré (1957) e de Le Brun (1983) traçam um esboço geral de sua vida. Destaco aqui a biografia mais recente e relevante feita por Sabine Melchior-Bonnet (2008).

4 “Ce prélat était un grand homme maigre, bien fait, pâle, avec un grand nez, des yeux dont le feu et l’esprit sortaient comme un torrent, et une physionomie telle que je n’en ai point vu qui y ressemblât, et qui ne se pouvait oublier, quand on ne l’aurait vue qu’une seule fois. Elle rassemblait tout, et les contraires ne s’y combattaient pas. Elle avait de la gravité et de la galanterie, du sérieux et de la gaieté; elle sentait également le docteur, l’évêque et le grand seigneur; ce qui y surnageait, ainsi que dans toute sa personne, c’était la finesse, l’esprit, les grâces, la décence et surtout la noblesse. Il fallait effort pour cesser de le regarder” (Saint-Simon, 1990, p. 271-272).

5 A história da primeira edição do *Telêmaco* está muito bem contada por Antoine Adam no volume 3 de sua *Histoire de la littérature française au XVIIe siècle* (1997).

de Homero. Na mesma época, outro texto seu, de natureza teológica, *As máximas dos santos*, havia sido censurado por seu teor supostamente herético. Era inevitável que o *Telêmaco*, por sua vez, tivesse para o público leitor uma significação que seu autor não podia evitar, qual seja, a de crítica à direção do Estado de Luís XIV.

A última aventura<sup>6</sup> da narrativa feneloniana é a reforma de um reino falido. O personagem principal do romance, Telêmaco, está inequivocamente associado ao Duque de Borgonha, bem como a figura de Mentor remete diretamente a Fénelon. A partir do livro VIII, acompanhamos a chegada de Mentor e Telêmaco a Salento, cidade em processo de construção. A hospitalidade com que são recebidos traz consigo informações que depõem contra a aparente grandeza da cidade, pois Idomeneu, seu rei (reconhecido como Luís XIV), envolveu-se numa guerra injusta, conflito que será resolvido com sabedoria por Mentor no livro IX. Fato consumado, o tutor do filho de Ulisses resolve “civilizar” Salento, tomando medidas administrativas que promovem uma mudança global, ou seja, atingem todas as instâncias da vida social, pública e privada, como comércio, saúde, educação, moradia, agricultura, vestuário, lazer etc. Tais medidas destinam-se a transformar Salento em uma cidade perfeita (livro X).

Essas críticas presentes no *Telêmaco*, justapostas a uma querela com Bossuet<sup>7</sup> sobre a teoria da Graça levaram Fénelon ao exílio. Conhecida como a querela do quietismo, a controvérsia teológica com seu superior e amigo surge do encontro da doutrina do puro-amor (amor purificado de todo amor próprio), defendida por Fénelon, com a prática de uma oração passiva feita por Madame Guyon. A reunião dessas duas formas de vida espiritual provocou inquietação na corte de Luís XIV, que mantinha um catolicismo conservador, ritualístico, de orientação jesuítica, muito distante do misticismo. Com anuência do rei, um pequeno tribunal, liderado por Bossuet, foi formado em julho de 1694 e passou a se reunir em Issy com a finalidade julgar o caso de Mme. Guyon e, indiretamente, o caso Fénelon.

6 O texto foi originalmente escrito em dezoito livros por Fénelon. Logo depois de sua morte, um sobrinho reorganizou a obra em vinte e quatro livros para que se aproximasse da estrutura homérica. A mais recente edição brasileira, editada pela Madras em 2006, está dividida em vinte e quatro livros; no entanto, para o presente artigo, recorreremos ao texto em francês, estabelecido por J.L. Goré, editado pela Garnier (1994), que se mantém fiel à organização original.

7 Para um entendimento aprofundado do tema: *Quiétisme: Querelle de Bossuet et de Fénelon* (Jacques-François Denis, 1997).

Seis meses depois, houve uma reviravolta: Fénelon ganhou, como recompensa pelo trabalho junto aos príncipes e como reconhecimento de sua luta contra o protestantismo, o arcebispado de Cambrai, uma diocese rica que lhe trazia o título de duque e que lhe permitiu sair da sombra do banco de réus e sentar-se como juiz no mesmo pequeno tribunal religioso. O caso encerrou-se oficialmente com a assinatura de trinta artigos que definiam uma doutrina para a vida interior. Mas as famosas conferências de Issy são apenas o início da chamada querela do quietismo que oporia até o fim Fénelon e Bossuet, com a vitória deste e o exílio daquele em seu arcebispado (MELCHIOR-BONET, 2008, p. 158-166).

Enquanto a própria vida de Fénelon desenrolava-se como um romance cheio de aventuras e desventuras, um ruído de fundo não poderia deixar de ser ouvido: a corte francesa daquele tempo inflamava-se com a Querela entre Antigos e Modernos.

O autor de *As aventuras de Telêmaco* não se engajou diretamente na contenda. Costuma-se datar o início desse *grand procès* a partir da leitura, para a Academia Francesa, do poema *Le siècle de Louis Le Grand* de Charles Perrault em 27 de janeiro de 1687. O poema tinha a pretensão de ser uma resposta definitiva a pequenas contendas acerca da necessidade de renovação das atividades literárias francesas. Um fato marcante, nesse sentido, foi a ordem de Chapentier, intendente da Academia de inscrições e medalhas, em 1683, de substituir o emprego do latim pelo do francês em todos os monumentos públicos do reino<sup>8</sup>. Defendia-se, então, a excelência da língua nacional, mas muitos reclamaram deste desrespeito pela Antiguidade. E Perrault, um dos primeiros integrantes da Academia Francesa, famoso por seus contos de fadas, foi a público para dizer:

La belle Antiquité fut toujours vénérable,  
Mais je ne crus jamais qu'elle fût adorable.  
Je vois les Anciens sans ployer les genoux,

8 No ensaio que toma por título as abelhas e as aranhas da fábula de Jonathan Swift, Marc Fumaroli remonta o início da Querela entre Antigos e Modernos a Itália do começo dos *seiscentos*. O marco seria a publicação, em 1612, de uma antologia intitulada *Ragguagli del Parnasso* escrita por Trajano Boccalini com a intenção de denunciar, por meio de uma mensagem cifrada em narrativas agradáveis ou burlescas, o projeto de “monarquia universal” da liga Habsbourg-Madrid-Viena, valorizando a Antiguidade (Fumaroli, 2001, p. 33-37). A partir deste evento italiano, a querela ganharia terreno na corte francesa, onde se desenvolveu na medida em que encontrou motes (o maquiavelismo de Richelieu, *El Cid* de Corneille, *Aspasie* de Desmarests de Saint-Sorlin, *Alceste* de Lully, os poemas de Perrault, as traduções de Homero) para a disputa entre uma valorização dos modelos antigos e as razões para uma nova forma de “cantar” o reino – desde o início do ensaio está explícita a visada política de Fumaroli.

Ils sont grands, il est vrai, mais homes comme nous;  
Et l'on peut comparer sans craindre d'être injuste  
Le siècle de LOUIS au beau siècle d'Auguste.  
(FUMAROLI, 2001, p. 257).

Fénelon juntar-se-ia à corte apenas dois anos depois. O debate seguia, com Perrault à frente dos Modernos e Boileau liderando os Antigos<sup>9</sup>, por meio de discursos, leituras públicas de textos literários e publicações de obras e prefácios até 1694, quando se reconciliam para descanso das *Honnêtes gens*. A leitura de textos sobre a Querela e de textos sobre Fénelon, em conjunto, deixa a impressão de que nosso autor estivesse alheio às discussões que aconteciam na Academia; de que ele estava completamente absorvido pelas questões anteriormente apresentadas: a educação dos filhos do Delfin; seu arcebispado em Cambrai; e a disputa teológica com seu amigo Bossuet.

Seus melhores leitores<sup>10</sup> insistem em sua formação humanista e destacam sempre o amor de Fénelon pela Antiguidade – um amor que resultou em um conhecimento profundo de Homero, Virgílio, Luciano, Platão e ainda de autores de literatura cristã como Clemente de Alexandria e Santo Agostinho. Levando tal panteão em conta, teríamos a fácil resposta de que Fénelon seria um defensor dos Antigos. Queremos entender, no entanto, que textos aparentemente desconectados ou não direcionados a Querela podem nos oferecer pistas para melhor entendimento do lugar político e teórico desse autor em seu tempo.

Este lugar não pode ser reconstituído pensando-se somente em sua vida intelectual. É preciso imaginar também sua vida prática, suas atividades eclesíasticas e políticas. Intrigantes são as descrições feitas por Melchior-Bonet (op. cit.): um nobre padre circulando pelos mais altos círculos de poder, no ápice da monarquia francesa, incomodado com o destino da aristocracia nas mãos do rei Sol, sai em missões para amenizar a situação precária do povo francês; aventando possibilidades de transformação, trava uma luta diária contra o protestantismo e a burguesia de um lado e contra a fome do povo de outro, utilizando-se ora de sorrisos, ora de *lettres* para permanecer inatingível nos cimos conquistados.

9 Uma pequena lista dos querelantes: do lado dos Antigos estão Boileau, Racine, La Fontaine, Fénelon, Madame Dacier, Du Bos; com os Modernos estão Perrault, Fontenelle, Houdar de La Motte, Vico e Swift, entre outros.

10 No século XX, além de Goré e Le Brun já citados, destacam-se os estudos de Philippe Sellier (2005), François-Xavier Cuche (2009), Gallouédec-Genuys (1963), Marguerite Haillant (1995), Volker Kapp (1982), Albert Chérel (1917).

Em sua pequena história do classicismo francês, Auerbach dedica a Fénelon o espaço de “literatura de resistência”. O crítico chega mesmo a se perguntar sobre o destino da França caso o preceptor do Duque de Borgonha tivesse chegado ao poder com seu aluno real (1987, p. 207). O mesmo tipo de especulação faz Fumaroli ao desenhar a amizade de Fénelon com La Fontaine: “Tudo poderia ter tomado outro rumo sem a morte do Duque de Borgonha em 18 de fevereiro de 1712” (1997, p. 433). Os teóricos da utopia dizem que um texto dessa natureza não tem pretensões de realidade, que se deve ler uma utopia como uma mensagem presa numa garrafa<sup>11</sup>. Não foi com esse espírito de mera crítica que fez Fénelon cravar sua Salento no coração da narrativa destinada a educar um príncipe com grandes chances de governar.

As aventuras de *Telêmaco* demonstram uma concepção de *Historia Magistra Vitae* com seus modelos de bons e maus governantes. Encontramos o filho de Ulisses, nas linhas introdutórias da obra, protegido por Atena (sob a máscara de Mentor), relatando, para a deusa Calypso, as experiências viáticas que tinha vivido desde sua partida de Itaca. A narração começa, assim como *Odisséia*, *in media res*. Resumidamente, podemos afirmar que essas histórias ocupam os seis primeiros livros do texto e dizem respeito à passagem de Telêmaco por Pilo e Lacedemônia; a um naufrágio na costa da Sicília (livro I); a sua estadia no Egito do grandioso Sesóstris (livro II); a contrapartida do exemplo egípcio, o jovem viajante conhece no antimodelo Pigmalião que governa Tiro (livro III); em seguida, Telêmaco é levado para a ilha de Chipre, cheia de campos férteis mas incultos (livro IV); segue, então, para Creta, cidade abençoada pelas leis de Minos, onde participa de jogos promovidos para a escolha de um novo rei (livro V). Nesse sentido, sim, pode-se afirmar Fénelon como um legítimo partidário dos Antigos, na medida em que busca na Antiguidade os modelos de imitação para suas lições de governo.

A contradição, que parece ser produtiva, está entre a concepção moralista e estática de história (o problema central debatido na *Querela*) e a vontade de transformação histórica patente na utilização do gênero utopia dentro de uma narrativa pedagógica.

11 Para Luigi Firpo (2005) o utopista mascara seu texto literariamente por meio da meta-história e da meta-geografia, deixando sua mensagem para o futuro, como se o presente não estivesse preparado para ela. A literariedade de uma utopia trata-se de um disfarce de grande habilidade que transforma o texto político numa “mensagem na garrafa, a mensagem de um naufrago” social que se distanciou da realidade para melhor enxergá-la.

A Querela entre Antigos e Modernos tem uma vasta fortuna crítica que a acompanha desde os últimos suspiros de seus combatentes em meados do século XVIII. O primeiro trabalho acadêmico, ainda uma referência para o tema, defendido por Hippolyte Rigault em 1856, já chamava a atenção para o fato da querela, de natureza literária, propor um problema para a história. Desde então, muitas reflexões importantes foram elaboradas<sup>12</sup>. O presente artigo não pretende dar conta de tamanha bibliografia, mas quer aproveitar-se de algumas conclusões elaboradas nos últimos 20 anos. Para tanto, chamarei à discussão, em especial, Marc Fumaroli com seu ensaio “Les abeilles et les araignées” de 2001 que introduz uma reunião dos principais textos da querela (ainda sem tradução no Brasil) e Joan Dejean, autora de *Antigos Contra Modernos*, de 1997 (traduzido para o português em 2005).

Em suas histórias avaliativas da Querela, ambos assumem posições partidárias: o historiador francês defende os Antigos e a professora norte-americana de literatura, os Modernos. E esta oposição não se dá apenas por admiração de uma ou outra frente. Fumaroli é ele mesmo um humanista e seu método de análise o demonstra. Bem como Dejean, uma culturalista, aplica os pressupostos dos Estudos Culturais em seu livro. Se a querela se reacende neste artigo, isto deve, no entanto, ser visto como um epifenômeno (não sem importância, pois mostra a atualidade do problema). O que mais interessa aqui – reunindo, opondo, comparando dois grandes estudiosos do assunto: iluminar a participação de Fénelon da Querela.

A imbricação entre literatura e educação, religião, questões do reino, enfim, entre literatura e vida social não é uma marca particular da obra de Fénelon. Na análise de Fumaroli (2001), a literatura, nesta época, tornou-se um problema político. A querela entre Antigos e Modernos dividiu a República das Letras entre aqueles que acreditavam viver um período de decadência e aqueles que defendiam a era do Rei Sol como o ápice da cultura europeia. Um dos principais problemas dessa divisão estava na interpretação do Estado de Luís XIV. Para Boileau, por exemplo, a modernidade do Estado Absoluto tinha um limite. A realeza era um ofício sagrado antigo. O rei não deveria ser entendido como um começo absoluto, mas como a continuação de uma tradição. Os Moder-

12 Mencionarei aqui apenas o cânone sobre o assunto: Hubert Gillot (1914), Paul Hazard (1935) e Hans Baron (1959). Além disso, há os autores que trarei diretamente para o corpo do texto.

nos, por sua vez, concebiam o Estado Absoluto como a superação teológica e política da Antiguidade. O reino de Luís XIV era considerado a única referência para si mesmo<sup>13</sup>. Não se deve deduzir disso, contudo, que os partidários dos Antigos fossem grandes críticos do governo do Rei Sol. Ao contrário: Boileau e Racine foram os historiadores oficiais de Luís XIV durante a Querela.

Fénelon, sem se envolver diretamente na discussão, era declaradamente partidário dos Antigos. Mesmo assim, em 1693, escreveu uma carta ao Rei que provavelmente foi lida apenas por Madame de Maintenon. Esta carta contrariava a política de Boileau, que asseverava a importância de comparar a glória de Luís XIV a dos maiores nomes de imperadores e conquistadores da Antiguidade a fim de realçar-lhe sua verdadeira vocação para a função real. Em vez disso, anonimamente, Fénelon destacou os problemas que, em sua opinião, vinham impedindo a glória do rei:

Vous êtes né, Sire, avec un cœur droit et équitable; mais ceux qui vous ont élevé ne vous ont donné pour science de gouverner, que la défiance, la jalousie, l'éloignement de la vertu, la crainte de tout mérite éclatant, le goût des hommes souples et rampants, la hauteur, et l'attention à votre seul intérêt. Depuis environ trente ans, vos principaux ministres ont ébranlé et renversé toutes les anciennes maximes de l'État, pour faire monter jusqu'au comble votre autorité, qui était devenue la leur parce qu'elle était dans leurs mains. On n'a plus parlé de l'État ni des règles; on n'a parlé que du Roi et de son bon plaisir. On a poussé vos revenus et vos dépenses à l'infini. On vous a élevé jusqu'au ciel, pour avoir effacé, disait-on, la grandeur de tous vos prédécesseurs ensemble, c'est-à-dire, pour avoir appauvri la France entière, afin d'introduire à la cour un luxe monstrueux et incurable. Ils ont voulu vous élever sur les ruines de toutes les conditions de l'État: comme si vous pouviez être grand en ruinant tous vos sujets sur qui votre grandeur est fondée. (FÉNELON, 1983, p. 543-544).

13 Tal resumo da narrativa de Fumaroli está um tanto depurado de seu partidarismo: para o autor, os Modernos são meros funcionários da monarquia enquanto os Antigos são as grandes almas que verdadeiramente trabalharam pelo progresso da literatura e do pensamento. O ensaio de 2001 conclui-se afirmando a necessidade de reconhecer que, ao longo de toda a Querela, fossem quais fossem os motes da disputa, os Antigos destacaram-se por admitirem o que há de vivo e desconcertante nas obras antigas, ao passo que os Modernos estiveram presos às convenções estéticas e morais (p. 167).

Ao menos, em termos políticos, fica sugerido que Fénelon não era nem Antigo nem Moderno, posto que não estava interessado em encontrar a forma correta, leia-se historiográfica, de glorificar seu rei, mas antes estava preocupado com o modo pelo qual poderia modificar aquilo que considerava errado. A despeito da aparente ingenuidade, esta carta permanece como um documento importante de uma das linhas de força que movimentava a França no fim do século XVII<sup>14</sup>. Ademais, Fénelon tinha em mente, já nesta época, outras vias de ação: ele tinha por objetivo educar emocionalmente aquele que poderia reinar. Fénelon impregnou toda sua obra pedagógica de lições do puro-amor a fim de derrubar o amor-próprio característico de todo grande chefe de Estado e, com isso, poder demonstrar sua visão de sociedade perfeita<sup>15</sup>. Por isso, não se pode afirmar que o prelado não tivesse em seu horizonte de preocupações o papel da história, uma concepção de história e até mesmo um método de ensino de história<sup>16</sup> – posto que tudo isso estava voltado para a educação do Duque de Borgonha.

Passando à perspectiva culturalista de Joan Dejean, ganhamos outros problemas que nos ajudam a situar Fénelon na Querela. A autora quer reavaliar aquilo que considera um momento formativo da história cultural francesa – as duas últimas décadas do século XVII – a partir do ponto de vista das “guerras culturais” travadas entre humanistas e culturalistas no fim do século XX. Refazendo o estudo etimológico das palavras francesas para “século”, “cultura”, “civilização”, “público” e “sensibilidade”, Dejean revela a importância do surgimento, naquele momento, de uma “opinião pública” – algo, aparentemente, muito mais abrangente no que diz respeito à diversidade de grupos (inclui mulheres, mas não apenas as *savants* e as *preciosas* dos salões, mas também as mulheres do povo<sup>17</sup>) do que o conceito de público finamente definido e analisado por Auerbach

14 Fénelon reuniu em torno de si um grupo de nobres que, assim como ele, estavam incomodados com a transferência dos privilégios para a burguesia bem como com a influência do protestantismo no reino. Este grupo conhecido como a “cabala dos devotos” incluía o Duque de Chevreuse, o duque de Beauvillier, o duque de Saint-Simon, entre outros. Esses aristocratas de linhagem apostavam na educação dada por Fénelon ao príncipe como uma possibilidade real de transformação da corte (MELCHIOR-BONNET, op. cit., p. 79).

15 Cf. *Fénelon on education* de Barnard (1966).

16 O artigo “De l’Antiquité aux temps modernes: l’histoire “utile” aux princes de France au siècle des Lumières” de Chantal Grell oferece detalhes práticos da educação de conteúdo histórico idealizada e ministrada por Fénelon para educação dos três filhos do Grand Delphin.

17 A professora norte-americana tem em mente o processo de publicação e simultânea discussão do romance *La Princesse de Clèves* nas páginas do jornal *Le Mercure galant* ao longo do ano de 1678 (DEJEAN, 2005, p.98-118).

em seu ensaio “La Cour et la ville”. Para a autora, o que estava em jogo, a partir do surgimento de uma opinião pública, era a redistribuição do controle das transmissões culturais (DEJEAN, 2005, p. 37). Um episódio de *As aventuras de Telêmaco* demonstra claramente a posição de Fénelon diante dessa questão: a reforma que Mentor promove em Salento:

La peinture et la sculpture parurent à Mentor des arts qu’il n’est pas permis d’abandonner; mais il voulut qu’on souffrît dans Salente peu d’hommes attachés à ces arts. Il établit une école où présidaient des maîtres d’un goût exquis, qui examinaient les jeunes élèves.

Il ne faut - disait-il - rien de bas et de faible dans ces arts qui ne sont pas absolument nécessaires. Par conséquent, on n’y doit admettre que de jeunes gens d’un génie qui promette beaucoup, et qui tendent à la perfection. Les autres sont nés pour des arts moins nobles, et ils seront employés plus utilement aux besoins ordinaires de la république. Il ne faut - disait-il - employer les sculpteurs et les peintres que pour conserver la mémoire des grands hommes et des grandes actions. C’est dans les bâtiments publics ou dans les tombeaux qu’on doit conserver des représentations de tout ce qui a été fait avec une vertu extraordinaire pour le service de la patrie. (FÉNELON, 1994, p. 341).

A restrição de Mentor remete à expulsão do Poeta da República por Platão. Mais radical do que os Antigos, arduamente criticados por DeJean em razão de limitarem a participação da opinião pública na vida literária e artística do Estado Francês<sup>18</sup>, Fénelon restringia também a produção artística na sociedade que idealizava como perfeita. Fica a impressão de que o bispo de Cambrai entendia as artes como uma forma de manutenção do *status quo* – em que pese o fato dessa manutenção ser defendida dentro de uma proposta de reforma geral do reino. Ademais, a noção de história modelar continua presente e soma-se a isso ausência de uma educação para as artes, tão cara aos humanistas. Na utopia feneloniana, não haveria querelas.

18 Afirma Dejean sobre o século XVII: “De fato, assim como se deu com as Guerras Culturais, o direito do público a uma opinião transformou-se em questão extremamente controversa quando os Antigos protestaram que somente os eruditos de profissão tinham direito a um pronunciamento em questões literárias, e os Modernos contrapuseram o argumento de que os leitores leigos talvez possuíssem julgamento superior” (DEJEAN, op. cit, p. 33).



Não chegou a hora, ainda, no entanto, de concluir pela adesão absoluta de Fénelon à causa dos Antigos, como faz Fumaroli (2001, p. 19-20). Em 1714, um ano antes de falecer, o autor do *Telêmaco* comunicou sua *Carta a Academia* em que, ao traçar os planos para os estudos de gramática, retórica, poética e história para a instituição de letras do reino dali por diante, tangencia o tema da querela com uma postura pacificadora. Suas obras literárias, no entanto, são expressões formais (não conteudísticas, como os dois exemplos dados acima) daquilo que os Modernos consideravam positivamente como uma assimilação cultural<sup>19</sup>. Joan DeJean chega a mencionar nosso autor como o primeiro a usar a palavra cultura para significar “cultivo espiritual” – um suposto sinal semântico de sua “modernidade” (2005, p. 264). Mas isso também não diz tudo.

Fénelon entre  
Antigos e  
Modernos

---

295

Algumas contradições precisam ser resolvidas, outras devem ser compreendidas como legítimas. Fumaroli envia o entendimento da querela ao deixar de lado esse tipo de contradição. O mesmo acontece com DeJean. Ambos narram em função da vitória de seus partidos. Acusam-se dos mesmos “pecados”: Fumaroli afirma que se colocava em risco a autonomia da literatura e que romper com a Antiguidade seria encerrar-se em uma “camisa de força devota” (2001, p. 140); DeJean, ao analisar as posturas dos Antigos e dos Modernos quando confrontados ao influxo de novos leitores à República das Letras, acusa os primeiros de prenderem-se a uma camisa de força conservadora e atribui aos seus a defesa da democratização (2005, p. 37). Não é difícil imaginar que se vangloriam das mesmas conquistas.

A posição do preceptor do Duque de Borgonha na querela apresenta-se ambígua porque o debate que definiu o destino da literatura em França no final do século XVII também assim se caracteriza. Os grandes nomes dessa história literária oscilaram entre o respeito à tradição e uma vontade de novidade. Jeanne-Lydie Goré afirmou em seu *L'itinéraire de Fénelon: humanisme et spiritualité* (1957) que a Querela entre Antigos e Modernos é o sintoma mais notável da crise do humanismo (p. 272). Sua tese funda-se na noção de *honnête homme* desenvolvida ao longo do século

---

19 O último debate importante da Querela teve como mote uma tradução da *Ilíada* realizada por Madame Dacier em 1711. Esta tradução, vinda das mãos de uma erudita helenista, partidária dos Antigos, provocou celeuma porque deixava o texto de Homero em prosa, sem mascarar sua extensão, suas repetições, ou grosserias. A reação dos Modernos veio em forma de outra tradução: o senhor Houdar de La Motte, sem conhecer a língua grega, verteu os versos homéricos do latim para o francês, reduzindo-os a 12 cantos expurgados de tudo que pudesse chocar a opinião pública (TIEGHEM, 1993, p. 78). Traduzir, para os modernos, podemos deduzir, é uma questão de “acomodação”, ou, para usar os termos de DeJean, de “assimilação cultural”.



XVII francês: o homem honesto, novo ideal de homem, deveria ser mais culto do que erudito. Ele não procuraria mais um manuscrito raro. O conhecimento dos grandes textos antigos deveria ser mais do que suficiente para sua formação. Assim a doutrina clássica substituíra os *studia humanitatis*<sup>20</sup>. La Fontaine, defensor veemente da Antiguidade, por exemplo, faz coro com os Modernos e chega a estigmatizar a erudição como um vício.

Por outro lado, oficialmente, o novo era condenado pelos Antigos<sup>21</sup>. Mas basta lembrar que a própria prática humanista é uma descoberta da condição irrevogável de novidade, ou seja, que não era possível para a Florença do século XIV ser novamente a Atenas do século V a.C. (seguindo o raciocínio de Baron<sup>22</sup>); ou ainda: que o humanismo, no mesmo momento em que declara a grandeza da Antiguidade, anuncia também sua morte – basta lembrar esta contradição para entendê-la como o *agôn* constitutivo da Querela tanto para os Antigos quanto para os Modernos.

Do tumultuado *fin de siècle* francês, importa menos avaliar vitórias e derrotas e mais reconhecer as questões formuladas: é possível respeitar os princípios sem a superstição dos mestres? O gênio precisa de técnica? Deve-se julgar uma obra literária pelo prazer que ela produz ou pelo cânone? O progresso do conhecimento leva a um progresso da razão? O belo é sempre o mesmo em todas as épocas? Todas essas questões pressupõem uma concepção de história: cíclica ou progressiva.

Como dissemos anteriormente, a oscilação entre uma postura e outra caracterizava uma crise. Fénelon era um partidário oficial dos Antigos no que tange seu respeito e sua admiração pelos grandes nomes da Antiguidade. Ao mesmo tempo, utilizou-se de gêneros modernos para escrever *As aventuras de Telêmaco* como o romance e a utopia. E mais: adotou a concepção de história antiga para preparar sua marcha para o futuro. Por fim, uma última contradição: sua “força-para-história” estava em seu cristianismo.

Uma outra narrativa da Querela entre Antigos e Modernos pode ser elaborada a partir do debate sobre a pertinência do maravilhoso cristão desenvolvido na primeira metade do século XVII<sup>23</sup>. O Bispo de

20 Expressão latina para as disciplinas estudadas pelos humanistas do Renascimento italiano: gramática, retórica, história, poesia e filosofia (especialmente filosofia moral).

21 Vale conferir o uso negativo das palavras *nouveau* e *nouveauté* nas *Oraisons Funèbres* de Bossuet organizadas por Jacques Truchet (Classiques Garnier, 1988).

22 *In Search of Florentine Civic Humanism: essays on the transition from medieval to modern thought* (Princeton, 1988).

23 Philippe Van Tieghem apresenta resumidamente os principais dados da contenda em seu *Les grandes doctrines littéraires en France* (1993).

Vences publicou em 1633 suas *Oeuvres chrétiennes* com as quais convidava os poetas a produzirem uma obra de inspiração cristã. Houve vários tipos de resposta: Corneille chegou a afirmar que as coisas santas não deveriam ser usadas em obras de arte como fábulas e peças de teatro. Desmarests de Saint-Sorlin, por sua vez, declarava-se, dali por diante, contra qualquer sorte de poesia pagã. Assim, os Antigos defendiam a separação entre arte e cristianismo e os Modernos apostavam numa arte cristã – já estava claro para os Modernos desses primeiros momentos de conflito aquele princípio de uma “tradução assimiladora” defendida por La Motte em 1711. Neste caso dos anos 30, percebe-se uma necessidade de estabelecer uma coerência entre os princípios da vida cristã da monarquia absolutista e sua produção literária.

*Fénelon entre  
Antigos e  
Modernos*

---

297

Na época em que *As aventuras de Telêmaco* foram escritas, o questionamento sobre a pertinência de uma mitologia cristã para a literatura já tinha evoluído, como sabemos, para uma reflexão sobre progresso, tradição, gênio etc. Mas as perguntas básicas não haviam mudado em essência: escolher entre o maravilhoso cristão e o pagão significava optar entre a verdade e a verossimilhança – este princípio aristotélico era fundamental para a lógica do classicismo francês; abrir mão da verossimilhança levaria ao desmoronamento de um sistema racionalmente calcado em regras determinadas pela Antiguidade (*imitatio, bienséance*, regra das três unidades – tudo isso deveria ser revisado). Em sua “telemaquia”, Fénelon faz escolhas estéticas e cifra conteúdos que dizem respeito a toda a história da Querela, oferecendo algumas respostas que, oficialmente, talvez, nunca tivesse assumido.

Vejamos o sétimo livro do romance: parece-nos um capítulo de transição. As aventuras estão suspensas. Nossos heróis navegam em uma embarcação tirrena, a salvo das seduções da ilha de Calypso. Adoan, o comandante fenício, dispõe-se a levá-los de volta para casa e a viagem segue tranquila, cheia de narrativas, música e poesia. Entrementes, o futuro rei de Itaca tem notícia, pela boca de Adoan, de Bética, sociedade perfeita, que possui características admiráveis jamais encontradas nos lugares visitados.

Les femmes filent cette belle laine, et en font des étoffes fines  
d'une merveilleuse blancheur; elles font le pain, apprennent à  
manger, et ce travail leur est facile, car on vit en ce pays de  
fruits ou de lait, et rarement de viande. Elles emploient le cuir  
de leurs moutons à faire une légère chaussure pour elles, pour

leurs maris et pour leurs enfants; elles font des tentes, dont les unes sont de peaux cirées et les autres d'écorce d'arbres; elles font, elles lavent tous les habits de la famille, et tiennent les maisons dans un ordre et une propreté admirable. Leurs habits sont aisés à faire: car, en ce doux climat, on ne porte qu'une pièce d'étoffe fine et légère, qui n'est point taillée, et que chacun met à longs plis autour de son corps pour la modestie, lui donnant la forme qu'il veut.

Les hommes n'ont d'autres arts à exercer, outre la culture des terres et la conduite des troupeaux, que l'art de mettre le bois et le fer en oeuvre; encore même ne se servent-ils guère du fer, excepté pour les instruments nécessaires au labourage. Tous les arts qui regardent l'architecture leur sont inutiles; car ils ne bâtissent jamais de maison. 'C'est - disent-ils - s'attacher trop à la terre, que de s'y faire une demeure qui dure beaucoup plus que nous; il suffit de se défendre des injures de l'air.' Pour tous les autres arts estimés chez les Grecs, chez les Egyptiens et chez tous les autres peuples bien policés, ils les détestent, comme des inventions de la vanité et de la mollesse. (FÉNELON, 1994, p. 264).

Um nome adâmico (Adoan) funciona apropriadamente para o personagem responsável por introduzir no imaginário de Telêmaco o ideal que deveria perpetuamente buscar: Bética, na superfície, para manter a coerência com o universo homérico, representa uma sociedade da idade do ouro, mas os habitantes desse paraíso perdido, lembram os primeiros cristãos e seus costumes, tão puros, só podem estar fora da história, no Éden (Gênesis), na Nova Jerusalém (Apocalipse) ou na Cidade de Deus de Santo Agostinho.

Voltando para a narrativa: distraídos pela descrição da maravilhosa Bética, Telêmaco, Mentor e Adoan não percebem que os deuses desviaram o navio da rota de Ítaca, que estão sendo levados a Salento. A segunda parte do texto é narrada em terceira pessoa e desenvolve-se na costa na antiga Hespéria, onde Idomeneu encontrou lugar ao fugir de Creta depois de ter matado o próprio filho. Os últimos onze livros destinam-se, basicamente, a duas lições que Telêmaco ainda deve aprender: como reinar com justiça e moral e como guerrear, caso seja necessário, com coragem e prudência.

Apesar da magnificência das edificações, o reino de Idomeneu, segundo a moral feneloniana, estrutura-se sobre uma base frágil: um governante vaidoso, suscetível, resistente à verdade, cego pela adulação. Mentor envia Telêmaco para o aprendizado da guerra fora de Salento e permanece na cidade com o propósito de reformá-la. O discípulo agora é um rei que nunca soube aprender com os próprios erros. A reforma de Mentor começa pela moral de Idomeneu:

– C'est avec douleur que je me vois contraint de vous dire des choses dures mais puis-je vous trahit en vous cachant la vérité? Mettez-vous en ma place. Si vous avez été trompé jusqu'ici, c'est que vous avez bien voulu l'être; c'est que vous avez craint des conseillers trop sincères. Avez-vous les gens les plus désintéressés et les plus propres à vous contredire? Avez-vous pris soin de faire parler les hommes les moins empressés à vous plaire, le plus désintéressés dans leur conduite, le plus capables de condamner vos passions et vos sentiments injustes? Quand vous avez trouvé des flatteurs, les avez-vous écartés? Vous en êtes-vous défié? Non, non, vous n'avez point fait ce que font ceux qui aiment la vérité et qui méritent de la connoître. Voyons si vous aurez maintenant le courage de vous laisser humilier par la vérité qui vous condamne. (FÉNELON, 1994, p. 323-324).

*Fénelon entre  
Antigos e  
Modernos*

299

Como não pensar na *Lettre à Louis XIV* escrita por Fénelon por volta de 1693? Seria necessária uma citação muito longa para toda a carta, mas este documento pode ser lido como uma espécie de camada inferior do texto que descreve Salento. É como se, podendo-se “raspar” a utopia de Mentor, encontrássemos a carta. Nela estão apontados concretamente todos os problemas para os quais Salento apresenta-se como solução. Além disso, há outras relações: tanto na famosa carta anônima, quanto na figura do conselheiro Mentor, o autor vale-se de uma eloquência honesta e cristã para persuadir. O recurso à franqueza, ou mais, o apelo à verdade, revela-se não apenas uma estratégia retórica como a *parrhesia*, mas um elemento essencial para o processo de cristianização que se desenrola sub-repticiamente ao longo da narrativa. Mentor, disfarce de Palas Atena, a deusa grega da sabedoria, insinua-se como um avatar de Cristo. Parece-nos que todas as vezes quando Mentor arroga-se a obrigação e o direito de *parler franc* está dizendo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14,6).

Ao menos na ficção o rei (Idomeneu/Luís XIV) aceita ouvir a verdade e seu nobre conselheiro (Mentor/Fénelon) passa em revista todo o reino. As obras tão elogiadas pelos reis vizinhos e admiradas pelos moradores da região mereceram de Mentor apenas reprovação. Ele sabia que a riqueza utilizada naqueles prédios não havia sido reposta. Os poucos habitantes de Salento gastavam todas suas forças na construção de edifícios grandiosos, enquanto o campo permanecia inculto, provocando a fome e a pobreza. Nem mesmo o comércio Idomeneu soube incentivar, pois na ambição de arrecadar riquezas, impôs taxas excessivas e afastou os mercadores. O povo de Salento era infeliz porque uma bela cidade se ergue à custa de sofrimento.

Começam, então, as transformações. A primeira atenção de Mentor dirige-se ao comércio: com leis que punem falências, que proíbem colocar em risco bens alheios, que impossibilitam a entrada de bens de luxo na cidade, que liberam o estrangeiro de taxas e que instituem magistrados a quem os comerciantes devem prestar contas de suas atividades, Salento passa a atrair um grande número de pessoas, de todos os lugares do mundo e a riqueza adentra seu porto.

O próximo passo é uma reforma da vida social e dos costumes. As relações entre as pessoas serão estabelecidas conforme o nascimento. Haverá sete categorias sociais organizadas hierarquicamente e diferenciadas pelas cores de suas roupas, de cima para baixo: branco para os mais nobres, cinza-escuro para os escravos. A modéstia é palavra de ordem. O ouro e a prata são banidos, bem como todo tipo de ornamento. Somente as artes úteis serão praticadas. A alimentação será frugal, sem condimentos. Os grandes arranjos arquitetônicos serão utilizados apenas nos templos. O vinho será um licor raro, destinado a festas especiais. Eliminando o fausto, Mentor espera alcançar a nobre e sóbria simplicidade. As crianças serão educadas no temor aos deuses, no amor à pátria e no respeito a essas leis. O rei deve, no entanto, ser o primeiro a dar exemplo, mudando seu modo de se vestir, de se alimentar, de morar etc. O povo rapidamente reconhecerá que a felicidade está na moderação.

No que diz respeito à política, Mentor não explicita uma forma de governo específica. Vemos, contudo, delinear-se um sistema de governo bem coerente com os princípios que fundamentam a concepção de educação feneloniana: um rei apoiado por uma aristocracia. A base financeira desse sistema é o cultivo da terra, uma fisiocracia portanto, muito bem

regulamentado por leis severas. Dado o pequeno número de agricultores em Salento, Mentor propõe uma política de povoamento por meio de concessões de terras e do estímulo ao casamento. Cada família receberá apenas a quantidade de terra necessária para sua sobrevivência.

Si vous ne les chargez point d'impôts, ils vivront sans peine avec leurs femmes et leurs enfants; car la terre n'est jamais ingrate: elle nourrit toujours de ses fruits ceux qui la cultivent soigneusement; elle ne refuse ses biens qu'à ceux qui craignent de lui donner leurs peines. (FÉNELON, 1994, p. 344).

*Fénelon entre  
Antigos e  
Modernos*

Por outro lado, Mentor mostra ser necessária a aplicação de penas severas àqueles que descuidarem do campo. Um tom moralizante também perpassa as ideias políticas de Fénelon: o povo deve ver o trabalho como algo honroso. E, do mesmo modo, o rei deve ter como princípios de governo o amor por seu povo e o temor aos deuses<sup>24</sup>.

As ideias morais, teológicas e de governo fenelonianas embaralham-se a fim de formar um “rei-cristão” para uma “república cristã”. Na carta que escreve ao Duque de Borgonha após a morte do Delfin – fato que coloca seu discípulo no primeiro lugar da linha de sucessão – Fénelon diz que a cristandade forma uma espécie de república geral (FÉNELON, 1983). Em *Telêmaco*, afirma que o mundo inteiro é um grupo social universal (FÉNELON, 1994, p. 537). Uma das últimas palavras da deusa Atena nessa ficção pedagógica pedem que o príncipe “N’oubliez jamais que les rois ne règnent point pour leur propre gloire, mais pour le bien des peuples” (FÉNELON, 1994, p. 571). Dirigindo-se ao Duque de Borgonha, afirma que a lei imutável e universal dos soberanos é o amor do povo (FÉNELON, 1983).

Comparando *As aventuras de Telêmaco* com *Examen de conscience sur les devoirs de la royauté* (escrito por Fénelon em 1711) percebemos um jogo semântico e imagético de identificações por meio do qual podemos apontar certas relações: a felicidade do rei deve ser a felicidade do povo. E a felicidade do povo está, como vimos em Salento e nas melhores cidades visitadas pelo filho de Ulisses, na agricultura. O trabalho no campo sustenta a ordem social aristocrática, composta por homens melhores por seu nascimento, cuja função é aconselhar e fiscalizar a ação real, pois sua Antiguidade lhe confere sabedoria e a protege da inveja (FÉNELON, 1994, p. 338).

24 O rei está sujeito à religião e não pode tentar dirigi-la.

Ao apresentar suas reformas a Telêmaco (com quem o jovem Duque de Borgonha deve identificar-se), recém-chegado da guerra, Mentor afirma que muito ainda precisa ser feito para que Salento torne-se efetivamente uma cidade feliz. Dissertando sobre a arte de governar, compara o sistema implementado às artes da música, da arquitetura e da pintura em que tudo depende de justas proporções para alcançar a harmonia. “Concluez donc que l’occupation d’un roi doit être de penser, de former de grands projets et de choisir les hommes propres [dentre os melhores] à les exécuter sous lui” (FÉNELON, 1994, p. 529).

O último livro não permite ao leitor acompanhar o personagem nesse reencontro com Ítaca e Penélope. Mais uma vez, seu navio deve atracar em uma praia para esperar a passagem de um temporal, onde Telêmaco permanece, juntamente com os tripulantes de outras embarcações, entre os quais está seu pai – porém não o reconhece. Ali, Telêmaco conhece a verdadeira identidade de seu protetor, pois Minerva abandona o disfarce de Mentor. A deusa abençoa aquele que está destinado a reinar e lhe pede: “Lorsque vous régnerez, mettez toute votre gloire à renouveler l’âge d’or” (FÉNELON, 1994, p. 570).

A máscara de fábula antiga não esconde o realismo cristão deste texto. Fénelon, partidário dos Antigos, escreveu uma obra irrefutavelmente moderna. Sua vontade de transformação histórica foi mais forte do que sua formação humanista, mas aquela não seria possível sem esta. E nisso fica explícita sua ideia de tempo: é possível mudar, é preciso mudar. Se é possível mudar, não haverá repetições – o pavio de pólvora queima tudo o que deixa para trás. Seu *télos* é a perfeição. Já não dizia Auerbach da exigência absoluta de verdade histórica dos textos religiosos em seu primeiro capítulo de *Mimesis?* (1994, p. 11)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. et al. “Caminhos do romance no Brasil”. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>.

\_\_\_\_\_. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado das Letras, 2003. 382 p.

ADAM, A. Fénelon. In: **Histoire de la littérature française au XVIIe siècle**. v. 3. Paris: Albin Michel, 1997. p. 508-555.

AUERBACH, E. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1987.

\_\_\_\_. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARNARD, H. C. **Fénelon on education**. Cambridge: CUP, 1966.

BARON, H. **In search of florentine civic humanism: essays on the transition from medieval to modern thought**. New Jersey: Princeton, 1988.

*Fénelon entre  
Antigos e  
Modernos*

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.

---

303

CHEREL, A. **Fénelon au XVIIIe siècle en France: Son prestige, son influence**. Paris, 1917.

CUCHE, F-X. **Télémaque entre père et mer**. Paris: Honoré champion, 2009.

DEJEAN, J. **Antigos contra modernos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FÉNELON. **Les aventures de Télémaque**. Organização de J.-L. Goré. Paris: Garnier, 1994. 633 p.

\_\_\_\_.Lettre à Louis XIV. In: LE BRUN, J. **Oeuvres**. Paris: Gallimard, 1983. v.1.

FUMAROLI, M. Les abeilles et les araignées. In: **La querelle des anciens et des modernes**. Paris: Gallimard, 2001.

\_\_\_\_. **Le poète et le roi: Jean de LaFontaine en son siècle**. Paris: Editions de Fallois, 1997.

GALLOUÉDEC-GENUYS, F. **Le prince selon Fénelon**. Paris: Puf, 1963.

GORÉ, J-L. **L'itinéraire de Fénelon: humanisme et spiritualité**. Paris: Puf, 1957.

Tarsilla Couto  
de Brito

---

304

HAILLANT, M. **À la découverte des aventures de Télémaque, fils d'Ulysse.** Paris: Klincksieck, 1994.

KAPP, V. V. **Télémaque de Fénelon:** la signification d'une oeuvre littéraire à la fin du siècle classique. Tübingen: G. Narr, 1982. 259 p.

MELCHIOR-BONET, S. **Fénelon.** Paris: Perrin, 2008.

SAINT-SIMON. **Mémoires II.** Paris: Gallimard, 1990.

SELLIER, P. Le chant du cygnet. In: **Essais sur l'imaginaire classique.** Paris: Champion Classiques, 2005.

TIEGHEM, P. V. **Les grandes doctrines littéraires en France.** Paris: Quadrige/Puf, 1993.